

Se de um lado tem-se o tabu de que a velhice decretaria o fim dos encontros amorosos e sexuais, de outro lado presenciamos também o seu avesso, mas como todo avesso esconde e contém em si o direito, ele nos leva à reflexão. Muito do que se exhibe na mídia em torno do amor e da sexualidade na velhice esvai-se pela banalidade ou pela autoajuda; regra geral a ser empregada para todos. A velhice não traz em cena outro sujeito, a sexualidade adulta é a infantil e, portanto, podemos dizer a velhice não traz em cena uma maneira inédita de conduzir a sexualidade e o amor. Cada um envelhece de seu modo e sua maneira de gozar. Não há homogeneidade nas maneiras de conduzir os encontros e desencontros do amor e nem o imponderável da sexualidade. Entretanto, mesmo que a passagem do tempo não promova em si mudanças, o limite do tempo não é indiferente às formas de dispor o desejo e muitos traços que pareciam adormecidos podem ser despertados. A questão é como cada sujeito pode manejar isso que não se apaga, não envelhece, na escrita do amor e da sexualidade.

"Era como se tivessem saltado o árduo calvário da vida conjugal, e tivessem ido sem rodeiros ao grão do amor. Deixavam passar o tempo como dois velhos esposos escaldados pela vida, para lá das armadilhas da paixão, para lá das troças brutais das ilusões e das miragens dos desenganos: para lá do amor. Pois tinham vivido juntos o suficiente para perceber que o amor era o amor em qualquer parte, mas tanto mais denso ficava quanto mais perto da morte." (Gabriel Garcia Márquez, 1985)